

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Texto de referência: Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Editoração Eletrônica: Cristiano de Sales  
Verônica Ribas Cúrcio

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

Índice

SANTOS UNHATES

PONDO OS OLHOS PRIMEIRAMENTE NA SUA CIDADE CONHECE,  
QUE OS MERCADORES SÃO O PRIMEIRO MÓVEL DA RUÍNA,  
EM QUE ARDE PELAS MERCADORIAS INÚTEIS E ENGANOSAS.

DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS  
ESTRANHOS SOBEM A ARRUIRAR SUA REPÚBLICA.

JULGA PRUDENTE E DISCRETAMENTE AOS MESMOS POR CULPADOS EM  
UMA GERAL FOME QUE HOUE NESTA CIDADE PELO DESGOVERNO  
DA REPÚBLICA, COMO ESTRANHOS NELA.

NO ANO DE 1686 DIMINUÍRAM AQUELE VALOR, QUE SE HAVIA  
ERGUIDO À MOEDA, QUANDO O POETA ESTAVA NA CORTE,  
ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUÍZO SENTIU MAL DO ARBITRISTA,  
QUE ASSIM ACONSELHARA A EL REI, QUE FOI O PROVIDOR DA  
MOEDA CHAMADO NICOLAU DE TAL, À QUEM FEZ AQUELA CÉLEBRE OBRA  
INTITULADA "MARINÍCULAS" O QUE CLARAMENTE SE DEIXA VER NESTES  
VERSOS:

AGORA COM A EXPERIÊNCIA DOS MALES, QUE PADECE A REPÚBLICA  
NESTAS ALTERAÇÕES, SE JACTA DE O HAVER ESTRANHADO  
ENTÃO: JULGANDO POR CAUSA TOTAL OS AMBICIOSOS  
ESTRANGEIROS INIMIGOS DOS BENS ALHEIOS.

## 7 - SANTOS UNHATES

para levar tudo ao punho,  
que só por força tem cunho,  
ou cruces o seu dinheiro.

Todos, os que não furtam, muito pobres.

**PONDO OS OLHOS PRIMEIRAMENTE NA SUA CIDADE CONHECE, QUE OS  
MERCADORES SÃO O PRIMEIRO MÓVEL DA RUÍNA, EM QUE ARDE PELAS  
MERCADORIAS INÚTEIS E ENGANOSAS.**

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante  
Estás, e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelos drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sangaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

**DESCREVE COM MAIS INDIVIDUAÇÃO A FIDÚCIA, COM QUE OS ESTRANHOS  
SOBEM A ARRUINAR SUA REPÚBLICA.**

Senhora Dona Bahia,  
nobre, e opulenta cidade,  
madrasta dos Naturais,  
e dos Estrangeiros madre.  
Dizei-me por vida vossa,  
em que fundais o ditame  
de exaltar, os que aí vêm,  
e abater, os que ali nascem?  
Se o fazeis pelo interesse,  
de que os estranhos vos gabem,  
isso os Paisanos fariam  
com duplicadas vantagens.  
E suposto que os louvores  
em boca própria não cabem,  
se tem força terá a verdade.  
O certo é, Pátria minha,  
que fostes terra de alarves,  
e inda os ressábios vos duram  
desse tempo, e dessa idade.

Haverá duzentos anos,  
(nem tantos podem contar-se)  
que éreis uma aldeia pobre,  
e hoje sois rica cidade.  
Então vos pisavam Índios,  
e vos habitavam cafres,  
hoje chispais fidalguias,  
arrojando personagens.  
A essas personagens vamos,  
sobre elas será o debate,  
e queira Deus, que o vencer-vos  
para envergonhar-vos baste.  
Sai um pobrete de Cristo  
de Portugal, ou do Algarve  
cheio de drogas alheias  
para daí tirar gages:  
O tal foi sota-tendeiro  
de um cristão-novo em tal parte,  
que por aqueles serviços  
o despachou a embarcar-se.  
Fez-lhe uma carregação  
entre amigos, e compadres:  
e ei-lo comissário feito  
de linhas, lonas, beirames.  
Entra pela barra dentro,  
dá fundo, e logo a entonar-se  
começa a bordo da Nau  
cum vestidinho flamante.  
Salta em terra, toma casas,  
arma a botica dos trastes,  
em casa come Baleia,  
na rua entoja manjares.  
Vendendo gato por lebre,  
antes que quatro anos passem,  
já tem tantos mil cruzados,  
segundo afirmam Pasguates.  
Começam a olhar para ele  
os Pais, que já querem dar-lhe  
Filha, e dote, porque querem  
homem, que coma, e não gaste.  
Que esse mal há nos mazombos,  
têm tão pouca habilidade,  
que o seu dinheiro despendem  
para haver de sustentar-se.  
Casa-se o meu matachim,  
põe duas Negras, e um Pajem,  
uma rede com dous Minas,  
chapéu-de-sol, casas-grandes.  
Entra logo nos pilouros,  
e sai do primeiro lance  
Vereador da Bahia,  
que é notável dignidade.  
Já temos o Canastreiro,  
que inda fede a seus beirames,

metamorfoses da terra  
transformado em homem grande:  
e eis aqui a personagem.  
Vem outro do mesmo lote  
tão pobre, e tão miserável  
vende os retalhos, e tira  
comissão com couro, e carne.  
Co principal se levanta,  
e tudo emprega no Iguape,  
que um engenho, e três fazendas  
o têm feito homem grande;  
e eis aqui a personagem.  
Dentre a chusma e a canalha  
da marítima bagagem  
fica às vezes um cristão,  
que apenas benzer-se sabe:  
Fica em terra resoluto  
a entrar na ordem mercante,  
troca por côvado, e vara  
timão, balestilha, e mares.  
Arma-lhe a tenda um ricaço,  
que a terra chama Magnate  
com pacto de parceria,  
que em direito é sociedade:  
Com isto a Marinheiraz  
do primeiro jacto, ou lance  
bota fora o cu breado,  
as mãos dissimula em guantes.  
Vende o cabedal alheio,  
e dá com ele em Levante,  
vai, e vem, e ao dar das contas  
diminui, e não reparte.  
Prende aqui, prende acolá,  
nunca falta um bom Compadre,  
que entretenha o acedor,  
ou faça esperar o Alcaide.  
Passa um ano, e outro ano,  
esperando, que ele pague,  
que uns lhe dão, para que junte,  
e outros mais, para que engane.  
Nunca paga, e sempre come,  
e quer o triste Mascate,  
que em fazer a sua estrela  
o tenham por homem grande.  
O que ele fez, foi furtar,  
que isso faz qualquer bribante,  
tudo o mais lhe fez a terra  
sempre propícia aos infames  
e eis aqui a personagem.  
Vem um Clérigo idiota,  
desmaiado com um jalde,  
os vícios com seu bioco,  
com seu rebuço as maldades:  
Mais Santo do que Mafoma

na crença dos seus Árabes,  
Letrado como um Matulo,  
e velhaco como um Frade:  
Ontem simples Sacerdote,  
hoje uma grã dignidade,  
ontem selvagem notório,  
hoje encoberto ignorante.  
Ao tal Beato fingido  
é força, que o povo aclame,  
e os do governo se obriguem,  
pois edifica a cidade.  
Chovem uns, e chovem outros  
com ofícios, e lugares,  
e o Beato tudo apanha  
por sua muita humildade.  
Cresce em dinheiro, e respeito,  
vai remetendo as fundagens,  
compra toda a sua terra,  
com que fica homem grande,  
e eis aqui a personagem.  
Vêm outros zotes de Réquiem,  
que indo tomar o caráter  
todo o Reino inteiro cruzam  
sobre a chanca viandante.  
De uma província para outra  
como Dromedários partem,  
caminham como camelos,  
e comem como salvagens:  
Mariolas de missal,  
lacaio missa-cantante  
sacerdotes ao burlesco,  
ao sério ganhões de altares.  
Chega um destes, toma amo,  
que as capelas dos Magnates  
são rendas, que Deus criou  
para estes Orate frates.  
Fazem-lhe certo ordenado,  
que é dinheiro na verdade,  
que o Papa reserva sempre  
das ceias, e dos jantares.  
Não se gasta, antes se embolsa,  
porque o Reverendo Padre  
é do Santo Nicomedes  
meritíssimo confrade;  
e eis aqui a personagem.  
Vêm isto os Filhos da terra,  
e entre tanta iniquidade  
são tais, que nem inda tomam  
licença para queixar-se.  
Sempre vêem, e sempre falam,  
até que Deus lhes depare,  
quem lhes faça de justiça  
esta sátira à cidade,  
Tão queimada, e destruída

te vejas, torpe cidade,  
como Sodoma, e Gomorra  
duas cidades infames.  
Que eu zombo dos teus vizinhos,  
sejam pequenos, ou grandes  
gozos, que por natureza  
nunca mordem, sempre latem.  
Que eu espero entre Paulistas  
na divina Majestade,  
Que a ti São Marçal te queime,  
E São Pedro assim me guarde.

**JULGA PRUDENTE E DISCRETAMENTE AOS MESMOS POR CULPADOS EM UMA  
GERAL FOME QUE HOUE NESTA CIDADE PELO DESGOVERNO DA REPÚBLICA,  
COMO ESTRANHOS NELA.**

- 1 Toda a cidade derrota  
esta fome universal,  
uns dão a culpa total  
à Câmara, outros à frota:  
a frota tudo abarrota  
dentro nos escotilhões  
a carne, o peixe, os feijões,  
e se a Câmara olha, e ri,  
porque anda farta até aqui,  
é cousa, que me não toca;  
Ponto em boca.260
- 2 Se dizem, que o Marinheiro  
nos precede a toda a Lei,  
porque é serviço d'El-Rei,  
concedo, que está primeiro:  
mas tenho por mais inteiro  
o conselho, que reparte  
com igual mão, igual arte  
por todos, jantar, e ceia:  
mas frota com tripa cheia,  
e povo com pança oca!  
Ponto em boca.
- 3 A fome me tem já mudo,  
que é muda a boca esfaimada;  
mas se a frota não traz nada,  
por que razão leva tudo?  
que o Povo por ser sisudo  
largue o ouro, e largue a prata  
a uma frota patarata,  
que entrando co?a vela cheia,  
o lastro que traz de areia,  
por lastro de açúcar troca!  
Ponto em boca.
- 4 Se quando vem para cá,  
nenhum frete vem ganhar,

quando para lá tornar,  
o mesmo não ganhará:  
quem o açúcar lhe dá,  
perde a caixa, e paga o frete,  
porque o ano não promete  
mais negócio, que perder  
o frete, por se dever,  
a caixa, porque se choca:  
Ponto em boca.

5 Eles tanto em seu abrigo,  
e o povo todo faminto,  
ele chora, e eu não minto,  
se chorando vo-lo digo:  
tem-me cortado o embigo  
este nosso General,  
por isso de tanto mal  
lhe não ponho alguma culpa;  
mas se merece desculpa  
o respeito, a que provoca,  
Ponto em boca.

6 Com justiça pois me torno  
à Câmara Nó Senhora,  
que pois me trespassa agora,  
agora leve o retorno:  
praza a Deus, que o caldo morno,  
que a mim me fazem cear  
da má vaca do jantar  
por falta do bom pescado  
lhe seja em cristéis lançado;  
mas se a saúde lhes toca:  
Ponto em boca.

**NO ANO DE 1686 DIMINUÍRAM AQUELE VALOR, QUE SE HAVIA ERGUIDO À MOEDA, QUANDO O POETA ESTAVA NA CORTE, ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUÍZO SENTIU MAL DO ARBITRISTA, QUE ASSIM ACONSELHARA A EL REI, QUE FOI O PROVIDOR DA MOEDA CHAMADO NICOLAU DE TAL, À QUEM FEZ AQUELA CÉLEBRE OBRA INTITULADA "MARINÍCULAS" O QUE CLARAMENTE SE DEIXA VER NESTES VERSOS:**

"Sendo pois o alterar da moeda  
o asopro, o arbítrio, o ponto, o ardil,  
de justiça a meu ver se lhe devem  
as honras, que teve Ferraz, e Soliz"

**AGORA COM A EXPERIÊNCIA DOS MALES, QUE PADECE A REPÚBLICA NESTAS ALTERAÇÕES, SE JACTA DE O HAVER ESTRANHADO ENTÃO: JULGANDO POR CAUSA TOTAL OS AMBICIOSOS ESTRANGEIROS INIMIGOS DOS BENS ALHEIOS.**

1 Tratam de diminuir  
o dinheiro a meu pesar,  
que para a cousa baixar  
o melhor meio é subir:

quem via tão alto ir,  
como eu vi ir a moeda,  
lhe prognosticou a queda,  
como eu lha prognostiquei:  
dizem, que o mandou El-Rei,  
quer creiais, quer não creiais.  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

2 Manda-o a força do fado,  
por ser justo, que o dinheiro  
baixe a seu valor primeiro  
depois de tão levantado:  
o que se vir sublimado  
por ter mais quatro mangavas,  
hão de pesá-lo as oitavas,  
e por leve hão de enjeitá-lo:  
e se com todo este abalo  
por descontentes vos dais,  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

3 As pessoas, que quem rezo,  
hão de ser como o ferrolho,  
val pouco tomado a olho,  
val menos tomado a peso:  
os que prezo, e que desprezo  
todos serão de uma casta,  
e só moços de canastra  
entre veras, e entre chanças  
com pesos, e com balanças  
vão a justiça os mais:  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

4 Porque como em Maranhão  
mandam novelos à praça,  
assim vós por esta traça  
mandareis o algodão:  
haverá permutação,  
como ao princípio das gentes,  
e todos os contraentes  
trocarão droga por droga,  
pão por sal, lenha por soga,  
vinhas por canaviais:  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

5 Virá a frota para o ano,  
e que leve vós agouro  
senão tudo a peso de ouro,  
a peso tudo de engano:  
não é o valor desumano,  
que a cada oitava se dá  
da prata, que corre cá,  
pelo meu fraco conceito,  
mas ao cobrar fiel direito,  
e oblíquo, quando pagais;



Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

- 6 Bem merece esta cidade  
esta aflição, que a assalta,  
pois os dinheiros exalta  
sem real autoridade:  
eu se hei de falar verdade,  
o agressor do delito  
devia ser só o aflito:  
mas estão tão descansados,  
talvez que sejam chamados  
nesta frota, que esperais;  
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

***Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística***